

10-2017

Conferência: Nova evangelização: primeiro anúncio como anúncio do amor misericordioso de deus revelado em jesus cristo

José Manuel Sabença

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

Recommended Citation

Sabença, J. M. (2017). Conferência: Nova evangelização: primeiro anúncio como anúncio do amor misericordioso de deus revelado em jesus cristo. *Missão Espiritana*, 27 (27). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol27/iss27/113>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

sobretudo dos mais pobres, me derramar totalmente, sendo para eles gota de esperança que os encaminha para a fonte de vida, Jesus Cristo nosso Salvador.

Dar e receber

A minha garrafa, de litro e meio, tinha-a comprado no aeroporto de Lisboa e, antes de regressar, tive o cuidado de a deixar lá, ainda em condições de ser usada por outros... Há sempre algo de nós que fica, quando nos damos, mas é quase sempre muito mais aquilo que recebemos e que enche a nossa vida!

‘Ação missionária’, janeiro de 2011, pp.6 -7.

CONFERÊNCIA NOVA EVANGELIZAÇÃO: PRIMEIRO ANÚNCIO COMO ANÚNCIO DO AMOR MISERICORDIOSO DE DEUS REVELADO EM JESUS CRISTO

Introdução

“Se o nosso Evangelho continuar velado, está velado para os incrédulos, cuja inteligência o deus deste mundo cegou, a fim de não verem brilhar a luz do Evangelho da glória de Cristo, que é imagem de Deus. Pois não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor, e nos consideramos servos, por amor de Jesus. Porque o Deus que disse: das trevas brilhe a luz, foi quem brilhou nos nossos corações, para irradiar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo” (...) Animados do mesmo espírito de fé, conforme o que está escrito: Acreditei e por isso falei, também nós acreditamos e por isso falamos (...). E tudo isto faço por vós, para que a graça, multiplicando-se na comunidade, faça aumentar a acção de graças, para a glória de Deus” (2 Cor 4, 3-6.13-15)

Tomo estas palavras do grande apóstolo Paulo para abertura desta partilha sobre o primeiro anúncio do Evangelho como anúncio do amor misericordioso de Deus em Jesus Cristo, porque elas me inspiram o esquema do que vou partilhar convosco e que resumiria nisto:

1. O Evangelho (entenda-se evangelização ou anúncio do Evangelho) não é uma opção, é uma questão de fé viva. “Acreditei e por falei”.

2. Pregamos a Jesus Cristo que é a imagem de Deus, do Deus misericordioso. “A Glória de Deus resplandece na face de Cristo”

3. Consequências (manifestações) da Evangelização como kerigma, no ser e agir da comunidade cristã. “Tudo isto faço por vós para que a graça se multiplique na comunidade”

Esta leitura Paulina dá-nos também o contexto geral, o ambiente, no qual se compreende e alarga o primeiro anúncio, a proclamação da Boa Nova do Evangelho. O anúncio compreende-se como expressão de uma vivência de fé e alarga-se na medida em que essa fé se exprime, manifesta, testemunha, se vive. O local deste testemunho, deste anúncio, é antes de mais o mundo dos incrédulos (entendamos como aqueles que não acreditam), que hoje podemos chamar o “pátio dos gentios”. É aí, no mundo onde vivemos e que Deus amou, que deve “brilhar a luz do Evangelho da glória de Cristo, que é imagem de Deus”. Mas tal testemunho é hoje requerido e fundamental também no seio da Igreja, no interior da casa, o oikos cristão, onde fazem eco as palavras de Jesus: “Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte, nem se acende a candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas em cima do candelabro, e assim alumia a todos os que estão em casa. Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso PAI, que está no Céu” (Mt 5, 14-16). Nesta imagem da vela acesa há um duplo movimento, dinamismo, que expressa o que é essencial à Missão da Igreja e ao empenho de cada cristão no anúncio querigmático de Jesus Cristo: o gastar-se da cera aponta-nos a perspectiva fundamental que-nótica de humilhação que o servo de Deus assumiu em nossa humanidade; e o aparecer e crescer da chama que nos aponta a perspectiva de novidade e de luz, de calor e de esperança que o testemunho missionário leva ao coração dos homens e, particularmente no seio das nossas comunidades cristãs onde, poderá fazer desabrochar a gratidão e o louvor que Cristo já ofereceu ao Pai na oblação da Cruz e continuamente celebramos na Eucaristia.... Deixemos que a candeia da nossa fé nos ilumine e brilhe ...

A Irmã Faustina comunicou: Durante uma conferência, disse-me Jesus: És uva madura dum cacho escolhido: desejo que a doce seiva que em ti circula, aos outros se comunique” (Diário 393, 165, pg 152).

A prioridade da Evangelização

“Não tenho de facto, de que gloriar-me, se eu anuncio o Evangelho; é um dever este que me incumbe, e ai de mim se não evangelizar” (1Cor 9,

16). Anunciar o Evangelho é uma necessidade básica e como tal não pode ser desprezada, é prioritária, é essencial. A *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI permanece actual quando nos alerta para esta natureza fundamental da Igreja e claro, dos cristãos: “A tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja”, tarefa e missão, que as amplas e profundas mudanças da sociedade actual tornam ainda mais urgentes. Evangelizar constitui a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar” (EN n° 14).

A evangelização é o fundamento de tudo e deve ter o primado sobre tudo. Nada a pode substituir e nenhuma outra tarefa se pode antepor-lhe. A missão não é facultativa. Por um lado, os meios ateus e indiferentes em que vivemos impõem-nos uma escolha: missão ou demissão. Por outro lado, a pouca formação e limitada vivência cristã da grande maioria dos baptizados, mesmo dos ditos praticantes, interpelam-nos e impõem-nos uma escolha: testemunhar. No tempo em que vivemos, “aquilo que fascina é sobretudo o encontro com pessoas crentes que, pela sua fé, atraem para a graça de Cristo, dando testemunho dEle”, disse-nos Bento XVI, em Fátima em Maio de 2010. A Conferência episcopal portuguesa publicou uma bela carta pastoral, “Como eu Vos fiz, fazei vós também”, sobre a urgência missionária da nossa vida de cristãos que nos alerta largamente para esta prevalência e importância fulcral da evangelização a ponto de “constituir o primeiro e o melhor serviço que a Igreja pode prestar às pessoas” (n° 9) dentro e fora da Igreja.

Todos somos chamados a evangelizar, não só como meio de exprimir e viver o carácter missionário da nossa fé, mas também como forma de re-avivar, no seio da Igreja e no coração dos seus membros, uma nova experiência do amor de Deus, uma participação na Vida plena, em Cristo. Na sua carta pastoral “Nova Evangelização – um desafio pastoral”, o Cardeal Patriarca de Lisboa, em Setembro de 2010, defende que “nem sempre o acto de evangelizar tem sido concebido com essa exigência fundamental do amor, da caridade de Jesus Cristo pelo mundo, e de comunicar o mistério com a mesma veemência de amor”. A questão fundamental que hoje se coloca, para aquele responsável, é saber em que medida é que aqueles que trabalham actualmente na Igreja levam a cabo essa missão “apenas como uma tarefa programada ou o fazem com paixão”. A visita do Papa Bento XVI ao nosso país foi certamente uma bela ocasião de os cristãos, incluindo os que exercem funções no seio da Igreja, escutarem o renovado desafio a uma evangelização centrada na fé e no amor a Jesus Cristo. Todos evangelizados, todos evangelizadores é como a Conferência episcopal portuguesa apela todos e cada um, desde bispos a leigos, padres e religiosos, a deixarem-se transformar pelo exercício da missão. João Paulo II dizia na *Redemptoris*

Missio que “a missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações” (RM 2).

Da necessidade e importância do primeiro anúncio, mesmo no seio da Igreja, não há dúvidas. É necessário e a renovação dos cristãos e suas estruturas passa por esse anúncio. Em que medida o conteúdo, o objecto desse anúncio, poderá ajudar a essa tão desejada renovação da Igreja e seus membros? É o que procuraremos aprofundar no ponto que se segue. Anúncio do amor misericordioso de Deus revelado em Jesus Cristo.

Pregamos a Jesus Cristo que é a imagem de Deus, do Deus misericordioso.

O nº 10 da Carta Para um rosto missionário da Igreja em Portugal:

“Devemos saber ser testemunhas credíveis do amor excessivo, superabundante, que vai para além do necessário, que revela uma misericórdia sem medida. Compete a cada cristão (a cada evangelizador) fazer com que o Evangelho de Jesus Cristo se possa tornar lugar de encontro, feito de fascínio e de espanto, com o mistério da pessoa e da obra de Jesus Cristo que, mesmo sobre a Cruz, manifesta plenamente a beleza e a força do amor de Deus”

Neste sentido é importante lembrarmos que o primeiro evangelizador é o próprio Jesus. Profeta, poderoso em obras e palavras (Lc 34, 19), passou fazendo o bem (Ac 10, 38), ele proclama a Boa Nova vinda de Deus: os tempos chegaram ao seu fim e o reino de Deus está próximo, arrependei-vos e acreditai no Evangelho” (Mc 1, 15). O Evangelho anuncia um acontecimento: o Reino chega.

A evangelização que Jesus faz tem como primeiros beneficiários os pobres, (O Espírito do Senhor me ungiu para levar a Boa nova aos pobres, Lc 4,) mas tal Boa nova não é meramente Palavra, é Palavra que gera vida, transformação das condições dos pobres: “Ide dizer a João o que vedes e ouvis: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a Boa Nova é anunciada aos pobres” (Mt 11, 2-5). Pobres sem meios, sem pão, sem trabalho, sem casa. Mas também pobres que depois a leitura específica como presos (sem liberdade), como cegos, (sem luz), como oprimidos (sem dignidade). Na linha da tradição bíblica, em que Deus é aquele que ouve o clamor do seu povo oprimido e pobre, enviando-lhes profetas para o libertar, Jesus vem anunciar um tempo de graça, de libertação, de vida nova que o canto do Magnificat tão belamente expressa em favor dos pobres e dos humildes, e como expressão da misericórdia de Deus que se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem. Por Cristo, novo Moisés e libertador, a missão, o anúncio, tal como a fé não pode ser senão através dos pobres, com os pobres e para os pobres. Os pobres são constitutivos da nossa

fé. Por isso é que ao longo da história da Igreja a relação dos cristãos com os pobres marcou significativamente a sua mudança e a sua renovação, não só do ponto de vista individual dos cristãos, mas até do ponto de vista institucional. Anunciar a boa nova aos pobres ou, se quisermos, Evangelizar os pobres, é a missão de todo o cristão. E é na medida em que o faz que a sua fé cresce, o seu conhecimento e amor a Deus aumenta e a sua vida irradia.

Jesus Cristo é o filho amado do Pai de cujo rosto irradia o amor misericordioso do Pai e de cujas mãos brota a força libertadora e salvadora de um Deus que escuta o clamor do seu povo. E nesse debruçar de Deus sobre a humanidade está a Cruz onde Cristo acolhe a todos em seus braços para os fazer participar da vida que oferece por todos.

“A Cruz é o modo mais profundo de a divindade se debruçar sobre a humanidade e sobre tudo aquilo que o homem – especialmente nos momentos difíceis e dolorosos – considera seu infeliz destino. A cruz é como que um toque do amor eterno nas feridas mais dolorosas da existência terrena do homem, é o cumprir-se cabalmente do programa messiânico, que Cristo apresentara no início da sua vida pública na sinagoga d Nazaré (Lc 4,18-21). (...) O Programa messiânico de Cristo – programa tão impregnado de misericórdia – torna-se o programa do seu Povo, da Igreja. Ao centro deste programa está sempre a cruz, porque nela a revelação do amor misericordioso atinge o ponto culminante” (Dives in misericórdia nº 8)

Neste diálogo de amor entre Deus e o homem que a Cruz estabelece, está o âmago da Missão, o que alguns chamam a Missio Dei, ou seja, a intervenção de Deus na história humana ao enviar-nos o Seu Filho único que a todos nos atrai, pelo Dom de si mesmo, a voltarmos para o Pai e para os irmãos. A Irmã Faustina diz-nos, de forma bem expressiva, como este sair de Deus que vem ao nosso encontro, por Cristo na Hóstia consagrada, passa pelas nossas mãos, expressão da nossa vida e do nosso serviço, do nosso amor e da nossa disponibilidade, para de novo voltar em oblação de vida que é adoração a Deus: Diz ela: “Observei os dois raios a sair da Hóstia, unindo-se intimamente, embora sem se confundirem, que passavam pelas mãos do meu confessor, depois pelas mãos dos outros membros do clero e destas à multidão, voltando em seguida à Hóstia...” (Diário, 344, pg 134)

Com o mistério pascal, o Jesus evangelizador, anunciador, torna-se o Jesus anunciado, proclamado. (Ac 2, 32-33) Agora a Boa nova do Reino é o próprio Jesus, crucificado (1 Cor 1,22) e Senhor, filho de Deus Salvador (Ac 4, 10-12; 10, 36-43; Col 1, 25-29.) com quem partilhamos uma vida nova, uma relação nova que transforma a nossa vida e nos impele a segui-Lo sendo suas testemunhas até aos confins do mundo. O primeiro anúncio é o testemunho de fé em Cristo vivo. Não há transmissão da fé e sua renovação no coração dos crentes, sem o testemunho.

Compreender e viver o primeiro anúncio do Evangelho, enquanto testemunho da Vida e Compaixão de Jesus Cristo em favor dos homens, poderá trazer alguns contributos para a renovação da Igreja. Trata-se de um compromisso missionário renovado que através de um novo ardor, novos métodos e novas expressões darão rosto à nova evangelização.

Procuremos então algumas linhas de orientação que nos ajudem na busca deste novo ardor, novos métodos e novas expressões. Não são mais do que meras indicações que brotam da reflexão anterior e, espero, possam ajudar cada um de nós a renovar o seu entusiasmo e alegria em melhor responder ao mandato de Cristo: “Ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo” (Act 1, 8)

Consequências (manifestações) da Evangelização como kerigma, no ser e agir da comunidade cristã.

Quanto ao novo ardor ou vigor.

Conceber a transmissão da fé como testemunho tem consequências para a pessoa e para as comunidades. O evangelizador é antes de mais aquele que está consciente da sua íntima comunhão com Deus e imbuído da força do Espírito de Deus dá testemunho dessa vida. A primeira forma de testemunho é a vida crente que, tal como uma luz, ilumina a sua vida assim como todos os que estão na casa, a ponto de que vejam as suas boas obras. Subjacente a este dinamismo de exemplo que atrai e questiona, há uma profunda consciência de conversão missionária. Conversão missionária no sentido em que centramos a nossa própria vida na Missão e levamos o nosso trabalho como Missão, como resposta ao apelo de Cristo, mas também conversão missionária na medida em que o Espírito do Senhor está sobre mim e me ungiu para levar a Boa nova aos pobres.... Tenho consciência, como Jesus, de ser guiado, animado, pelo Espírito Santo. O apóstolo é enviado, mas em nome de Jesus Cristo e, por isso mesmo, ungido do Espírito Santo. A força do testemunho, seu zelo e entusiasmo, vem antes de mais da santidade de vida que faz desabrochar da vida do cristão, do evangelizador, o perfume da fé que atrai, impressiona e convoca. O melhor sermão da rosa é o seu perfume, tal como do cristão é o seu testemunho.

Esta consciência de enviado, de todo o cristão e de modo especial daquele que responde à sua vocação missionária, está associada a um forte sentido de filiação: “Eu venho Senhor para fazer a Vossa vontade”. Filiação divina que passa necessariamente por uma vida de oração, de comunhão com Deus, pela Palavra escutada, acolhida e assimilada como Luz. O caminho da

Lectio Divina e da oração à base da Palavra de Deus parecem-me ser uma forma privilegiada de os evangelizadores alimentarem a sua vida e serem anunciadores da Palavra Viva, Jesus Cristo. Esta ideia de que somos testemunhas pela graça de Deus e tanto mais quanto nos deixamos envolver pelo seu amor e santidade, está presente na vida da Irmã Faustina que nos diz: “tive a visão de Jesus, brilhando numa inefável beleza. Ele com bondade disse-me: “Minha eleita, dar-te-ei graças ainda maiores para que possas por toda a eternidade ser a testemunha da Minha infinita Misericórdia.” (Diário 400, pg154).

Este ardor e comunhão com Deus vai de mão dada com o zelo e compaixão pelos outros, sob risco de se perder a força transformadora da nossa fé e nos limitarmos a um cristianismo demasiado espiritualista que ignora a sua dimensão fundamental de encarnação e de empenho na antecipação dos valores do Reino pela transformação das realidades sociais e familiares. É a luz das obras que deve acompanhar a iluminação interior do crente.

Por isso, é indispensável mantermos o contacto directo com o pobre como forma privilegiada de anúncio da Boa Nova. Só através deste contacto directo podemos ser portadores de Cristo. Talvez até o Cristo que nós levamos não saiba falar grande coisa, ou até talvez seja um Cristo sem braços que nem consegue ajudar a arredar um móvel lá na pobre casa, mas é o Cristo que nos habita, nos impele e nos faz sair de casa, sair de nós mesmos, para irmos ao encontro do outro. Ser evangelizador, ser missionário é sair.... Sair de si, da sua casa, do seu comodismo, do seu medo... e ir ao encontro, de “crentes ou semi crentes, de quase crentes ou não crentes”, dentro ou fora da Igreja. É neste encontro com o outro, nesta atenção e tempo que damos ao outro, que ele se sente reconhecido na sua dignidade, e mais, se sentirá amado e assim poderá fazer a experiência de filho, experiência de vida que fundamenta a alegria da fé e o entusiasmo do testemunho.

Quem é este pobre a quem somos chamados a levar o testemunho da nossa vida com a força da nossa compaixão e solidariedade? Quando se trata do testemunho é como uma fonte que não escolhe a quem dá de beber. Assim também o pobre é qualquer um, inclusivamente o pobre baptizado que deixou arrefecer a chama da sua fé mas ainda acredita, reza.... Ou até o pobre católico que se vê algo marginalizado pela sua separação, divórcio, re-casamento, ou então se sente rejeitado pelas nossas palavras ou atitudes de pastores ou pelo nosso mau exemplo de seguidores de Cristo.

O que poderá ajudar ou contribuir para que o nosso testemunho seja, junto destes pobres, uma espécie de provocação a redescobrir e aprofundar a sua fé, a fazerem de novo a experiência de vida em comunhão com Deus?

Antes de mais através do tempo que lhe dedicamos e pela nossa presença, mas também pela nossa compaixão. Tempo e presença que se traduz

depois em escuta e acolhimento, sem querer julgar, sem querer dar respostas prontas e rápidas. Escutar e ainda escutar. O nosso tempo e interesse, a nossa deslocação e ir ao encontro do outro, exprimem para o seu coração que ele é pessoa, é alguém que é respeitado, ouvido, sem julgar. É, no fundo, a misericórdia infinita de Deus em favor do seu povo que, por sua vez, constitui o coração, cheio de compaixão, de Cristo Jesus. Não só Deus na sua infinita bondade se encheu de misericórdia com a humanidade ao enviar-nos Seu Filho, como nós somos chamados a exprimir pela nossa paciência, tempo e disponibilidade, o acolhimento que Deus faz do outro. Deus é paciente por nós... E comunica assim o seu amor. O tempo que dedicamos ao pobre é proporcional ao tempo que dedicamos ao Cristo no sacrário.... Ou, se quisermos, é igualmente proporcional mas um não substitui o outro. Ambos são pobres que merecem o nosso amor... E aí de nós se não lho sabemos dar...

A outra atitude com a qual anunciamos e evangelizamos o amor misericordioso de Deus é a compaixão ou a doçura. “A Compaixão é difícil porque exige a disposição interior de acompanhar os outros ao lugar onde eles são fracos, vulneráveis, solitários e desanimados”. Mas essa não é a resposta espontânea ao sofrimento. O que mais desejamos é aboli-lo, fugindo dele ou encontrando uma cura rápida para ele. (...) E depressa queremos fazer algo para mostrar que a nossa presença tem importância. E por isso ignoramos nosso maior dom, que é nossa capacidade de manifestar solidariedade para com os que sofrem. (...). Morrer para o próximo significa parar de avaliá-lo e, assim, ficar livre para ser compassivo. A compaixão não coexiste com o julgamento, porque ele cria a distância, a separação que nos impede de estar realmente com o outro. Esses julgamentos exercem grande influência nos pensamentos, nas palavras, e nas ações do nosso ministério. Grande parte do nosso ministério é limitado pelas ciladas de nossos julgamentos. Esses limites que criamos nos impedem de ficar disponíveis para as pessoas e atrofiam a nossa compaixão. (cf. H Nouwen, *A espiritualidade do deserto e o ministério contemporâneo*, pg. 30 ss)

Quanto aos novos métodos

Apontando para a necessidade de renovar os métodos de evangelização, ou se quisermos, os caminhos pelos quais se pode e deve cumprir o ser missionário do cristão, do evangelizador, escreve a nota pastoral da Conferência episcopal “Para um rosto missionário da Igreja em Portugal”: “Não nos podemos contentar em evangelizar alguém apenas até um certo ponto. É imperioso e urgente sentir e viver a necessidade de evangelizar o outro até que ele sinta a necessidade de se transformar ele próprio em evangelizador.”

Será certamente por esta tomada de consciência de que todos somos testemunhas e que pelo testemunho podemos atrair outros a Cristo, que a nova evangelização vai ganhando terreno no coração dos homens, dentro e fora da Igreja.

Tal transformação dos cristãos “de missa dominical” em cristãos evangelizadores de todos os dias e todas as horas não será possível sem percorrer um duplo caminho, ou se quisermos, um caminho com duas vias paralelas, “como dois raios, unindo-se intimamente mas sem se confundirem”, diria a Irmã Faustina: a formação e a comunhão.

Formação que é mais do que catequese, é formação contínua e permanente no sentido de aprofundarmos as razões da nossa fé e renovarmos o nosso entusiasmo em pertencermos a Cristo e com Ele sermos testemunhas do amor misericordioso do Pai. Chegou o tempo, disse o papa aos Bispos em Fátima, de “se oferecer a todos os fiéis uma iniciação cristã exigente e atractiva, comunicadora da integridade da fé e da espiritualidade radicada no Evangelho, formadora de agentes livres no meio da vida pública”.

Tal formação e iniciação cristãs não se aprendem nos livros da catequese ou nos compêndios de teologia. São um percurso de vida e de testemunho, de aprofundamento e de leitura que conduz a um conhecimento, no sentido bíblico de comunhão e união, de Cristo e da sua força salvadora operando em cada cristão e através dele junto dos outros. Mas para isso, tal como na Igreja nascente, é importante a experiência comunitária que as nossas estruturas paroquiais, de raiz rural, por um lado não favorecem e por outro têm dificuldade em encontrar formas mais dialogantes e abertas a uma partilha de vida animada pela fé em Cristo. Os diferentes movimentos no seio da Igreja têm sido um modo de a vivência cristã se exprimir em carácter mais comunitário e evangélico, de partilha de vida e oração. Nem sempre são entendidos nesta perspectiva de ajudar a concretizar a experiência de fé em termos de comunhão e de partilha, de proximidade e atenção ao quotidiano de cada um. Os grupos ou comunidades, as equipas ou os conselhos, são na verdade o local privilegiado para a tão desejada renovação e nova evangelização que passa pela formação de vida cristã e experiência de testemunho que contagia, anima, impulsiona e une esforços no anúncio da Boa nova da salvação.

Daí que para além da formação seja importantíssimo uma consciência forte de comunhão. O Papa João Paulo II falava de uma espiritualidade de comunhão e que a Igreja deveria ser uma escola de comunhão. Ora tal dinamismo de comunhão reflecte-se não só no sentido da responsabilidade comum a todos os cristãos, independentemente da sua função ministerial, no anúncio de Jesus Cristo e testemunho da fé, mas também na procura de novas formas de estabelecer as estruturas pastorais que exprimam esse sentido co-

mum de povo a caminho, animado pelo vínculo do Espírito Santo, tendendo a exprimir a comunhão trinitária.

Unindo formação e comunhão, celebração e vida para a Missão, está a Eucaristia que poderá ser valorizada e “experimentada” como meio privilegiado da nova evangelização e de que se tratará noutra dia desta semana de estudos.

Quanto às novas formas de viver a comunhão na responsabilidade de leigos, religiosos e presbíteros, na busca de caminhos para a evangelização, está em curso um processo, por iniciativa da Conferência episcopal, e a que se chamou “Repensar juntos a Pastoral...”. Cada comunidade, paróquia, grupo, diocese, congregação foi chamada a reflectir sobre duas questões:

1. Igreja em Portugal, “que vês na noite” da sociedade em que vives (cf. Is 21, 11)? Quais os sinais de Deus e os desafios para a tua missão? O que verdadeiramente precisam as pessoas de hoje, a nível espiritual e humano, e o que podes tu oferecer-lhes?

2. Igreja em Portugal, que indicações ou rumores do Espírito encontras hoje em ti (experiências, carismas, dinamismos existentes...) a apontar-te o estilo de vida cristã e a “nova maneira de ser Igreja” adequada aos tempos de hoje? Que caminhos pastorais te assinalam os sinais e os dons do Espírito para viveres e testemunhares o Evangelho de Cristo?

Quanto às novas expressões

As novas expressões da vida de fé relevam da linguagem mais apropriada para que a mensagem do Evangelho seja acolhida livremente no coração dos homens, cristãos e não-cristãos, como mensagem de Esperança a dar sentido à vida quotidiana de cada um, seja enquanto pessoa, ou membro de uma família, ainda que monoparental, ou membro activo no seio da sociedade civil. Tal como o crescimento da Igreja nascente parece ter beneficiado da rede de contactos que foram possíveis tecer e desenvolver pelo primeiro anúncio no seio das cidades capitais, também hoje parece importante ter em conta quer a cidade quer aquilo que está no centro de uma boa rede de contactos, a internet.

A iniciativa do Congresso da Nova Evangelização “Cristo na Cidade” que se desenvolveu em 5 capitais europeias, no período de 5 anos, sendo uma delas Lisboa, procurou certamente responder a este desafio mas com eventos de carácter público e inovadores que trouxessem Cristo para a praça pública e a Sua mensagem pudesse ser considerada como importante para a construção da Cidade enquanto lugar de convivência e de convergência entre o bem pessoal e o bem comum.

Nesta linha de assumir a construção da Cidade como um exercício da identidade cristã, o contributo ou anúncio cristão passa pela humanização das relações sociais e espaços de convergência, pelo reconhecimento da diferença e ainda pela resposta aos apelos e necessidades dos cidadãos, sobretudo dos pobres. A iniciativa do Vaticano “pátio dos Gentios” insere-se nesta dinâmica criativa e de presença no seio da cidade onde convergem diferentes culturas, opiniões, credos e pessoas. O ano de Missão que a diocese do Porto chamou de Missão 2010 – Porto. Corresponsabilização para a Nova Evangelização, é mais uma iniciativa procurando apresentar, sem impor, a Boa Nova de Cristo na praça pública. Todas as comissões de Justiça e Paz e Integridade da Criação (JPIC) com um acento forte na defesa do ambiente e de uma ecologia que respeite o desenvolvimento sustentado dos povos num respeito pela natureza, são outras tantas formas de a Igreja apresentar e anunciar o Evangelho nesta terra tão explorada e danificada nos seus recursos.

Um outro domínio de primeiro anúncio de Cristo é certamente a maior rede de contactos, ainda que virtuais, que é a Internet. São muitas as iniciativas que procuram introduzir Cristo nesse vasto campo de contactos, e nem todas se pautam por uma presença que seja interpeladora, desafiante e diferenciadora. Algumas destas iniciativas carecem de um sentido auto-crítico que ajude a discernir o que é importante comunicar de Cristo, sobretudo de Cristo presente em nossa história humana e nossas vidas de hoje. Mesmo que a partilha dessa experiência, na Internet, possa ser ocasião de irradiar o Evangelho e Cristo servir-se desse meio para atrair alguns para Cristo, ficará sempre a faltar aquela experiência de contágio com a vida testemunhante de outros cristãos que abrem o caminho para o encontro com Cristo, objectivo último de toda e qualquer evangelização.

Só pela acção do Espírito Santo, iluminando cada cristão e unindo-os pelo vínculo da caridade na Igreja, é possível encontrar inspiração, inovação e criatividade que suscitem novas acções e iniciativas evangelizadoras, inclusivamente das nossas assembleias dominicais. A leitura da mensagem do Cardeal Patriarca sobre a Nova Evangelização (Set 2010) poderá ajudar-nos não só a compreender as implicações concretas deste esforço missionário no seio de uma Igreja local, mas também a sermos Igreja que se entusiasma nesta missão que Jesus Cristo nos confia continuamente. Diz-nos o Cardeal Patriarca:

“Este “novo ardor” da “nova evangelização” levar-nos-á a descobrir a Igreja toda, em todos os seus membros, como protagonistas desse anúncio da salvação, não apenas como executores de acções programadas, mas com a ousadia da criatividade, encontrando em cada circunstância da vida dos

homens, a forma concreta de anunciar o Evangelho. Só sentindo-se membro da “Igreja evangelizadora” essa ousadia da criatividade salvará a unidade.”

Conferência proferida em Abril de 2011, na Semana de Espiritualidade sobre a Misericórdia de Deus, no Convento de Balsamão – Macedo de Cavaleiros

UM SOPRO QUE NÃO SE EXTINGUE

Poullart des Places, o nosso fundador, morreu de uma pleurisia. O ar que respiramos e dá vida aos nossos corpos deixou de ser inspirado pelos seus pulmões, e assim marcado pelo sofrimento, a sua jovem vida terrena expirou. Mas o sopro de vida que habita o seu coração não se extinguiu. Antes pelo contrário, é um sopro que vai aquecer e fecundar, fazer germinar e desenvolver aquela pequena semente na árvore frondosa, de múltiplos ramos e flores, que hoje é a nossa Congregação do Espírito Santo sob a protecção do Imaculado Coração de Maria, com 308 anos de vida. E mesmo que tal desabrochar não seja alheio ao trabalho, à competência e à disponibilidade dos Espiritanos, sabemos que o grande motor, silencioso mas poderoso, é o Espírito Santo. Como Sopro de Amor de um Deus que dá Vida é imperceptível, discreto, envolvente e só à luz da fé somos capazes de o reconhecer. Como Vento divino que limpa, sacode e varre, não se sabe de onde vem nem para onde vai, e só a porta aberta do nosso coração permite acolher a sua força purificadora. Como água viva que irriga o que é rígido e seco, e que sempre encontra meio de passar para dentro pela mais pequena fissura, só nos penetra se aceitamos que caia silenciosa na pobre bilha que é cada um de nós. Perante tal silêncio e tão bela suavidade do Espírito, ao aproximar-se de nós, só nos resta ser leve pena tocada pelo Seu sopro. A docilidade – disponibilidade é a única resposta que nos é pedida, no seguimento dos nossos fundadores e à luz do exemplo de Maria. (cf RVE 5, 89).

Celebrar o Pentecostes e o sagrado Coração de Maria, assim como os aniversários da Congregação e dos seus membros, são sempre ocasiões de reavivar o sentido essencial da nossa consagração missionária e de procurarmos nas nossas fontes (Regra de Vida Espiritana e escritos dos Fundadores – Antologia) o alimento quotidiano para a nossa vida de oração e para o nosso serviço. Uso o texto da Regra de Vida? Leio-o e tomo-o como leitura orante?